

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE GESTÃO E SUPERVISÃO ESCOLAR:
DESAFIOS DO TRABALHO COLETIVO NA ESCOLA

CAROLINA LUÍSA FLESCH

**A SAÚDE DAS RELAÇÕES NO ESPAÇO ESCOLAR E AS SUAS
INTERFERÊNCIAS NA ATUAÇÃO DO PROFESSOR E NA CONSTRUÇÃO DE
APRENDIZADO DOS ALUNOS –
ELEMENTOS PARA INSTRUMENTALIZAR A EQUIPE GESTORA**

SÃO LEOPOLDO
2018

CAROLINA LUISA FLESCH

A SAÚDE DAS RELAÇÕES NO ESPAÇO ESCOLAR E AS SUAS
INTERFERÊNCIAS NA ATUAÇÃO DO PROFESSOR E NA CONSTRUÇÃO DE
APRENDIZADO DOS ALUNOS –
ELEMENTOS PARA INSTRUMENTALIZAR A EQUIPE GESTORA

MONOGRAFIA apresentada ao Programa
de Pós-Graduação da Educação em
Gestão Escolar da Universidade do Vale
do Rio dos Sinos – UNISINOS
Orientadora: Profa. Esp. Ana Paula S.
Souza

SÃO LEOPOLDO

2018

Dedico este trabalho aos profissionais que entendem a Educação como uma estratégia social transformadora. Que se empenham em ampliar conhecimentos que modifiquem práticas que promovam aprendizagens cada vez mais significativas e eficazes, diante do contexto atual.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que contribuíram, direta ou indiretamente, para a realização deste trabalho.

À minha orientadora, Profa. Esp. Ana Paula S. Souza, pelo acolhimento e pelo interesse quanto à temática do trabalho, e pelo apoio, pela constante prontidão e, principalmente, por todas as intervenções, que me fizeram refletir sobre diversos pontos, no desenvolvimento da escrita desta Monografia.

Às colegas professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental da rede privada da região do Vale do Rio dos Sinos, que se dispuseram a participar da minha pesquisa, refletindo sobre a sua prática e sobre fatores que possam aprimorá-la.

Ao meu marido e ao meu filho, Giovani e Petros, pelo incentivo, pelo amor e pela valorização de minha produção.

Agradeço também a Deus, pelo dom da vida e por proporcionar que cada dia seja mais uma oportunidade para aprender, crescer e modificar o meu repertório pessoal e cultural.

“Hoje, os novos conceitos de aprendizagem envolvem para além dos conhecimentos, as emoções, os sentimentos e a consciência, implicam o método, o estudo e a organização do trabalho, incluem a criatividade, a capacidade de resolver problemas, a inteligência e a intuição.”

Antônio Nóvoa,
Professores: imagens do futuro presente

RESUMO

Buscou-se através dessa pesquisa remeter importância para a questão da saúde do professor. Observa-se um visível descontentamento e, por vezes, adoecimento de profissionais docentes, diante do alargamento das funções da escola. Cada vez mais se evidencia uma espécie de transbordamento, em relação ao ato de dar aulas. Será que os cursos de formação e os processos de admissão escolares têm esclarecido e amparado suficientemente os professores nas suas demandas reais? Como a questão de bem-estar e mal-estar docente nos anos iniciais do ensino fundamental repercute no espaço escolar, num contexto de educação básica, em instituições privadas, na região do Vale do Rio dos Sinos? A intenção deste estudo foi mapear dificuldades atuais e elencar algumas estratégias que possam auxiliar na promoção de bem-estar do professor, considerando as contribuições que a gestão escolar também possa empregar neste sentido. Para isso, além da pesquisa bibliográfica sobre o tema proposto, foi realizado uma pesquisa a campo com professores e gestores de escolas privadas do Vale dos Sinos, rio grande do Sul. A pesquisa foi realizada por meio de um questionário que foi enviado por e-mail, utilizando o método qualitativo. Como resultado da pesquisa, verificou-se que a carga horária excessiva, o esgotamento físico e mental e a falta de limites dos alunos apareceram como aspectos relevantes na interferência da produção de bem-estar docente. Ou seja, são estes os incômodos principais presentes na rotina dos docentes no contexto pesquisado. Desta forma a pesquisa mostrou que os fatores que produzem o mal-estar docente permeiam as práticas escolares regularmente e, que as interferências da gestão escolar em parceria com o docente, podem contribuir de forma positiva nesse processo. Por fim, chegou-se a conclusão que as atribuições de metas alcançáveis, emprego de desafios compartilhados e ações mais reflexivas, podem mudar o rumo da atuação destes profissionais, tão essenciais à sociedade. Pois, diante do estudo realizado, comprovou-se que um professor que tenha um autoconceito equilibrado e positivo poderá ser um profissional melhor na sua atuação pedagógica.

Palavras-chave: Bem-estar docente. Mal-estar docente. Aprendizado. Gestão escolar.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2 SOBRE A PESQUISA.....	15
2.1 Objetivos	15
2.1.1 Objetivo geral	15
2.1.2 Objetivos específicos.....	15
3 REFERENCIAL TEÓRICO	16
3.1 A importância do bem-estar docente na formação de um ambiente propício à aprendizagem.....	25
3.2 Origens do mal-estar docente (referências históricas e teóricas).....	20
3.3 Demandas do docente e interferências da atualidade	23
3.3.1 A relação entre responsáveis e professores	24
3.3.2 A relação entre alunos e professores	33
3.3.3 A relação com os colegas	35
3.3.4 A relação com os gestores	29
3.3.5 Acúmulo de exigências, formação e novas tecnologias	30
3.3.6 Esgotamento físico e mental	33
3.3.7 Desvalorização profissional e questões de autoestima	37
4 AS RELAÇÕES QUE SE ESTABELECEM NO ESPAÇO ESCOLAR (PESQUISA DE CAMPO).....	Erro! Indicador não definido.
4.1 Metodologia	40
4.1.1 Local e participantes do estudo	42
4.1.2 Equipes gestoras – considerações e estratégias empregadas	39
4.1.3 Professores – grau de conhecimento sobre o tema, grau de identificação com o problema e estratégias utilizadas	39
4.2 Coleta de dados	40
4.3 Verificação dos dados coletados	42
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	50
APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO PARA REPRESENTANTE DA EQUIPE GESTORA.....	52
APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO PARA O DOCENTE	53
ANEXO A - CARTA DE APRESENTAÇÃO DA PESQUISA.....	54

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa torna-se relevante ao elencar dados e informações que possam auxiliar a gestão escolar na sua função de promover suporte ao bem-estar do professor, com a intenção de potencializar a ação docente e de cuidar do ambiente da escola, favorecendo a construção de saberes através de relações sadias.

Atualmente, a saúde do professor vem sendo amplamente discutida, em decorrência da necessidade impreterível de qualificação no campo da Educação, do reflexo da aceleração global, das demandas individuais e coletivas e das questões diversas que abrangem o tema e a sociedade. Com isto, indaga-se como está a saúde do professor e de que forma tal condição interfere no contexto escolar. Ou seja, em quais aspectos a saúde deste profissional reflete na sua prática em sala de aula, na mediação das relações da sua turma e na aprendizagem dos seus alunos.

Com que suportes de apoio este profissional pode contar para ajudá-lo a manter a sua qualidade de vida e o seu bem-estar? E, ainda: como ocorre este cuidado no seu dia a dia?

Os desafios no espaço escolar apresentam-se e, em sua variedade, observa-se que interferem nos processos de aprendizagem. O ensino gerenciado pela escola e conduzido pelo professor na sala de aula se desenvolve permeado por inúmeros fatores, que se expressam nas interações dos sujeitos na construção do conhecimento. Mendes (2007), nos alerta para a importância da questão frente às pressões das organizações no trabalho, que comprometem a saúde mental e causam desequilíbrio psíquico. Com isto, compreendemos que as demais relações e ações encaminhadas pelo profissional em questão também estarão expostas a tal condição. O reflexo do mal-estar na prática docente expõe uma condição de vulnerabilidade profissional de acordo com a sua dimensão, sendo que o sofrimento na atividade laboral resulta em prejuízos na identidade e no desempenho do sujeito.

É necessário nos determos ao campo de observação e verificarmos dados atuais, para que a busca de contribuições seja coerente com as necessidades reais, aproximando o campo de pesquisa com o campo de atuação da prática docente.

Para isso, é importante que a equipe gestora, que acompanha e interfere na condução e no direcionamento das ações escolares, some esforços, para elencar elementos que possam aprimorar os processos vividos na escola. Diante dos perfis que compõe uma equipe de trabalho e, da forma como ela é conduzida, esta pode ou

não se tornar um grupo que se relaciona de forma salutar. Desde o processo de seleção aos contratos diários de comunicação, de foco e de integração estabelecidos, o trabalho de equipe se constitui pelo cumprimento de metas e de conquistas, através da colaboração e do reconhecimento coletivo.

Ao considerar que as relações no espaço escolar agregam o fator da subjetividade, já que a construção dos conhecimentos no processo de aprendizagem ocorre através das relações e dos significados produzidos nas trocas e nas experiências compartilhadas, compreende-se que o vínculo estabelecido entre os professores e seus gestores, bem como os elos de parceria e de confiança com as famílias, podem, em maior ou menor escala, refletir-se na motivação do professor e nos resultados da prática docente frente ao currículo, às aprendizagens e às relações que se entrelaçam no cotidiano escolar.

Com o presente estudo, no capítulo um apresenta-se a problemática e questiona-se em que escala as estratégias de apoio ao professor imprimem ou não alterações nos resultados produzidos em seu trabalho e no envolvimento que este tem e mantém em relação à sua carreira. No capítulo dois se esclarece os objetivos deste trabalho de pesquisa referente à saúde das relações no espaço escolar. Pretendeu-se, então, no capítulo três elucidar os conceitos de bem-estar e de mal-estar docente, situar referências históricas sobre o tema e sobre a problemática, destacando alguns fatores referentes às demandas docentes deste momento. No capítulo quatro verifica-se e analisa-se dados atuais através de pesquisa de campo, a fim de elencar algumas estratégias aplicáveis. Por fim, no capítulo cinco, analisa-se as considerações a partir das contribuições do trabalho e abre-se espaço para que mais investigações sobre o tema sigam desenvolvendo-se e contribuindo na linha dessa temática.

2 SOBRE A PESQUISA

Através dos autores pesquisados até este ponto do estudo, atestamos a relevância do bem-estar docente. Neste capítulo, apresentaremos o encontro da teoria com a prática escolar e analisaremos a importância desta temática no âmbito da aprendizagem e as contribuições das ações da gestão escolar na condução dos processos. Revelaremos o contexto em que a pesquisa ocorreu, bem como a caracterização dos participantes, os instrumentos utilizados para a coleta de dados, os resultados obtidos e a análise dos resultados.

2.1 Objetivos

2.1.1 Objetivo geral

- Compreender, através da perspectiva da gestão escolar e do olhar do professor dos anos iniciais do ensino fundamental, questões que se remetem à saúde das relações no espaço escolar, num contexto de educação básica em instituições privadas na região do Vale do Rio dos Sinos, a fim de obter elementos que possam instrumentalizar a equipe gestora e potencializar a ação docente, para a construção de um ensino eficaz e de qualidade.

2.1.2 Objetivos específicos

- Analisar a importância e os reflexos do bem-estar docente no processo de aprendizagem dos alunos;
- Verificar a origem histórica dos termos mal-estar e bem-estar docente, de acordo com os teóricos designados para este estudo;
- Destacar fatores das demandas desta função e revelar aspectos da atualidade que interferem no bem-estar docente;
- Colher e analisar dados atuais, que revelem como esta abordagem está sendo percebida e tratada no espaço escolar – pela equipe gestora e pelos próprios professores;
- Elencar algumas estratégias que possam contribuir para esta problemática;
- Abrir espaço para que novas pesquisas sobre este tema possam se desenvolver no campo da Educação.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 A importância do bem-estar docente na formação de um ambiente propício à aprendizagem

Inicialmente, cabe lançarmos um olhar sobre a escola, a sua função, o ambiente que nela se forma e as parcerias que integram esta trama. Outeiral (2005) ajuda-nos a compreender alguns elementos determinantes nesse contexto, quando refere que a escola complementa a educação da criança através do ensino formal. O mesmo autor indica que a função da escola é educar, considerando, assim, o significado etimológico da palavra: “colocar para fora” o potencial do indivíduo e oferecer um ambiente propício para o desenvolvimento dessas potencialidades. Em contraponto, o termo ensinar remete a en+signo, que significa colocar para dentro. Outeiral (2005) valida um tripé no processo educacional, que envolve aspectos constitucionais, vínculos familiares e o ambiente escolar.

Marchesi (2008) destaca a educação afetiva a ser incluída no projeto educacional das escolas e na ação pedagógica dos professores, como um dos componentes principais do bem-estar do ser humano. E reforça este argumento ao reconhecer o âmbito das séries iniciais do ensino fundamental como sendo mais familiar, ressaltando que os professores desse nível têm um maior cuidado e preocupação com o que acontece com os seus alunos. Nessa mesma perspectiva, Marchesi afirma que o bem-estar emocional é uma condição indispensável para a prática educativa:

É preciso sentir-se bem para educar bem, ainda que sem esquecer que o bem-estar emocional deve vir acompanhado do saber e da responsabilidade moral, para que a atividade docente atinja a sua maturidade. (MARCHESI, 2008, p. 121).

Mosquera e Stobaüs (2008a, p. 77 *apud* Mendes, 2011 p. 33), também respaldam a importância da afetividade e da subjetividade para o bom desenvolvimento cognitivo. Eles destacam que o docente deve estar educado para a afetividade, por ter de lidar com as diversidades no contexto escolar, e afirmam que quando as pessoas se conscientizam dos seus sentimentos e se tornam mais competentes para tomadas de decisões. Sendo assim, é adequado considerar, sob esta ótica, que cabe ao professor, aliado à escola, capacitar-se continuamente, para

reconhecer e diferenciar emoções e sentimentos, com os quais lidará constantemente na sua rotina ao estabelecer relações interpessoais, no decorrer dos seus trabalhos. Na prática, professores costumam relatar que conflitos que ocorrem na sala de aula estão frequentemente ligados à afetividade. Atitudes inadequadas e mau-comportamento dos alunos normalmente ocultam dificuldades que precisam ser desbloqueadas através de intervenções do professor. A partir do autoconhecimento, se capacita o reconhecimento das reações em si e no outro, e possibilita a ampliação de um repertório de intervenções mais assertivas. A empatia, o olhar remetido ao outro, irá, em maior ou em menor escala, estabelecer laços que interferirão diretamente na construção das relações necessárias para a jornada na busca do conhecimento no ambiente escolar.

Ampliando este raciocínio, Mendes (2011) diferencia e explora os conceitos de autoconceito, de autoimagem e de autoestima como elementos para o bem-estar e para a realização profissional docente. O autoconceito relaciona-se à ideia que cada pessoa tem de si mesma e a autoestima designa o que cada pessoa sente por si. Ou seja, enquanto a primeira remete à uma dimensão cognitiva ou perceptiva, a segunda é mais avaliativa ou afetiva, conforme Goñi e Fernández (2009 *apud* Mendes, 2011, p. 28). Para Rogers (1951), a autoimagem se desenvolve na relação social. Nesse entorno, destaca-se a relevância da heteroestima (estima/apreciação dos demais), que seria a base para a formação da autoestima. Considera-se que inicialmente a autoestima advém das relações estabelecidas com os pais; depois, de outros familiares; posteriormente, dos professores e dos círculos de amizades. Então, a partir destas relações, se constrói uma interpretação própria, que, ao longo do desenvolvimento, assegure que a autoestima não se alterará a partir de opiniões alheias. Verifica-se que a busca por melhora pessoal e por autorrealização profissional se evidencia mais em pessoas que são dotadas de uma elevada autoestima. Mendes (2011) também nos revela que a avaliação das experiências pessoais e profissionais e, a percepção do contexto educativo, vai depender de como o professor se enxerga. Disto resultarão perspectivas positivas ou negativas de si próprio e do seu trabalho. Para Axpe, Goñi e Zulaika (2009), um professor que tenha um autoconceito equilibrado e positivo poderá ser um profissional melhor na sua atuação pedagógica. Desta forma, um dos aspectos a contribuir para a saúde do professor, com reflexos na relação estabelecida com os alunos e com o processo de ensino-aprendizagem na sala de aula, refere-se a sua autoimagem.

Ainda nesta base teórica, Mendes (2011) também refere “a aprendizagem como um processo dinâmico e multidimensional”, a ser construído com tempo, estabelecendo relações possíveis entre a cognição e a afetividade. Segundo ela, não há como dissociar as atitudes do desenvolvimento cognitivo:

As escolas, além de servirem de locais em que se destacam processos de ensino e de aprendizagem, tanto de conhecimentos e habilidades, também são espaços de atitudes, através da socialização e da construção de subjetividades, tanto docentes quanto discentes. (MENDES, 2011, p. 43).

Voltando à Marchesi (2008), encontramos contribuição para essa discussão no ponto em que ele aborda a atuação do professor como elemento aglutinador desse processo, ao referir a importância de ativar o desejo do saber dos alunos e de fazer com que se envolvam na atividade de aprender. O referido autor também destaca quatro habilidades docentes que podem interferir positivamente no processo escolar: o interesse do próprio professor sobre o estudo em desenvolvimento; a relação estabelecida entre o aprendizado e a realidade do aluno; a facilitação do diálogo, da participação e da colaboração no grupo; a capacidade para inovar na abordagem dos estudos e nos recursos utilizados. Dessa forma, ao acionar habilidades que atribuem valor ao envolvimento de todos que fazem parte do processo de aprendizagem, o autor nos sinaliza com estratégias pontuais para a ordem do sentimento de pertencimento e de significado no desenvolvimento das práticas em sala de aula. Ao mesmo tempo, nos mostra o perfil de um profissional comprometido, responsável, dinâmico e inovador, o que nos indica possibilidades para o estabelecimento de uma atuação de zelo para cada circunstância, para cada tempo e contratempo, gerando maior leveza no âmbito escolar e fornecendo renovadas condições para a construção de uma aprendizagem envolvente e diferenciada.

O bem-estar emocional dos professores é uma necessidade resultante do próprio sentido da atividade docente. Marchesi (2008) reforça que a força da educação está no encontro, na comunicação, na cumplicidade, nos projetos compartilhados, na sensibilidade, nos projetos alcançados e na preocupação com os outros.

O autor constata que a relação que se estabelece entre o professor e o aluno, bem como a reação do aluno diante das propostas, gera efeito determinante na dedicação dos professores. E que esse vínculo, que admite variantes de diferenças

específicas dos alunos, também estabelece consequências mais positivas nos resultados obtidos.

Outro aspecto relevante para a formação de um ambiente favorável à aprendizagem, segundo Marchesi (2008), é o desenvolvimento e a manutenção de uma cultura de confiança no espaço escolar em que os professores estão inseridos. Ela promove colaboração entre os colegas, a manifestação de sentimentos e de pedidos de ajuda, a sensação de segurança no ambiente de trabalho e a solicitude coletiva. Ou seja, produz segurança, domínio, tranquilidade e satisfação nas relações com os outros. A cultura da confiança permite aos professores ter maior segurança nas suas ações e mais força para lidar com os riscos implícitos da profissão docente. Constata-se que esta cultura também reduz a ansiedade, promove um julgamento mais equilibrado diante das situações e impulsiona a inovação.

A partir da ideia da cultura de confiança, verifica-se que o gestor escolar exerce um papel relevante no acompanhamento das necessidades docentes e na definição de estratégias para apoiar o professor e o seu grupo em questões referentes à saúde física e mental dos seus integrantes. Muitas vezes, é o olhar da liderança que consegue filtrar reações e manifestações que expressam a necessidade de intervenção ou de apoio. Com isto, exerce a função de analisar e definir que ações devem ser empregadas para amenizar as tensões e para evitar adoecimentos. Se necessário, também cabe à gestão escolar recorrer a supervisão ou a apoio profissional externo ao espaço escolar, a fim de garantir neutralidade na análise de casos e nas tomadas de decisões. Outro ponto é a importância de caracterizar se as necessidades do/s professor/es em questão precisam de apoio interno ou externo à escola, coletivo ou individual, institucional ou particular. Normalmente, as ações que empregam valorização e cuidado geram confiança na equipe e costumam facilitar a comunicação entre a gestão e o profissional, no momento de encaminhar apoio ou orientação. Estabelecer metas alcançáveis; apresentar desafios compartilhados; acompanhar e fazer escuta acolhedora dos processos; oferecer aprimoramentos para a qualificação das relações interpessoais; estimular a formação continuada; fornecer conhecimento de características gerais da comunidade na qual os alunos estão inseridos: estes fatores podem potencializar as relações estabelecidas e valorizar ações positivas nas práticas escolares, diminuindo o *stress* ou a exaustão profissional.

Por outro lado, o docente também deve ter ciência, se considerar responsável e atuante sobre a sua condição de saúde, bem como precisa ter consciência dos

desafios a serem enfrentados cotidianamente, estabelecendo estratégias e buscando criar redes de apoio para viver e administrar as demandas do sistema educacional, paralelo às tensões estabelecidas nas relações diárias.

A teoria pesquisada nos confirma que o problema apresentado é relevante e que, uma vez verificado, é possível buscar conhecimento e elencar estratégias que correspondam às necessidades específicas de cada âmbito. Os autores elucidam contribuições para que o espaço escolar, a equipe gestora e o próprio professor, possam atuar de forma consciente diante dessa problemática, que envolve uma categoria profissional que interfere na constituição social a partir das vivências, das aprendizagens e dos significados construídos coletivamente.

3.2. Origens do mal-estar docente (referências históricas e teóricas)

Nas últimas décadas, assistimos mudanças sociais profundas, que repercutiram em comportamentos, em estilos de vida e em valores, com impacto na vida escolar e na profissão docente. Para Picado (2009), houve a mudança de um sistema de ensino que beneficiava prioritariamente a elite para um sistema de ensino de massas, que implicou uma expansão significativa no contingente de professores e de alunos. Diante disso, despontaram problemas de ordem qualitativos, resultantes das tensões enfrentadas pelos professores diante de formações de turmas com grupos heterogêneos.

Desde 1948, a OMS – Organização Mundial da Saúde – define saúde humana como bem-estar físico, mental, social e espiritual, distanciando-se de um conceito restrito apenas à ausência de doenças. Desafios físicos, emocionais e sociais fazem parte das demandas docentes e estão cada vez mais presentes nos relatos destes profissionais. Sendo que a abordagem sobre o bem-estar docente nos remete a pesquisas e a autores não apenas nacionais, cabe recorrer a uma referência conceitual de saúde mais ampla e voltada a uma perspectiva mais abrangente. Tal conceito nos leva a considerar que não é tão recente esta perspectiva integral, no que se refere ao bem-estar, porém não podemos deixar de verificar o quanto este conceito não tem sido devidamente considerado e, ao mesmo tempo, não tem chegado ao conhecimento de todos. Diante de uma era moderna bastante voltada para a medicalização, considera-se relevante avaliar como os diferentes fatores citados atingem este profissional, para que esta temática não tenha um enfoque restrito.

Também leva-se em conta que fatores como a renda, o ambiente físico, a rede de apoio social, a genética, o gênero (masculino e feminino) e o comportamento pessoal são referências modernas de saúde. Sendo assim, como não reconhecer que tais fatores estão presentes na nossa sala de aula e que atingem a figura do professor? Como não nos preocuparmos com o bem-estar do condutor do processo de desenvolvimento educacional dos nossos alunos?

O esgotamento profissional começou a ser pesquisado por volta da década de 1970, reconhecido como uma crise vital e profissional dos trabalhadores envolvidos com os serviços sociais. Embora haja publicações no meio acadêmico com esta temática, e tenhamos um percentual elevado de professores acometidos por esta questão em nosso país, esta ainda é uma abordagem pouco explorada na prática, gerando situações que são vivenciadas de forma bastante solitária na maioria dos casos.

De acordo com Esteve (1987), o termo mal-estar docente é um conceito da literatura pedagógica que pretende sintetizar o conjunto dos professores como um grupo profissional desajustado, devido a mudanças sociais aceleradas. Conceitua-se o mal-estar docente como sendo uma série de comportamentos que expressam insatisfação profissional, elevado nível de estresse, absentismo, falta de empenho em relação à profissão e desejo de abandonar a carreira profissional, podendo, em algumas situações, resultar em estados de depressão.

O conceito de mal-estar nessa perspectiva envolve três componentes que se relacionam entre si: a exaustão emocional, que configura o sentimento de estar sobrecarregado com exigências e tensões emocionais; a despersonalização, que se dá pelo descaso provindo de quem deveria partilhar da sua atenção profissional; e a redução de conquistas profissionais. (MALACH E REITER, 1999 apud MARCHESI, 2008, p. 53).

Destacam-se alguns fatores que determinam o mal-estar docente: a falta de apoio social; o contexto escolar; o deficiente funcionamento das escolas; as difíceis relações entre o professor e o aluno; as variáveis pessoais dos docentes. É preciso ter cuidado com generalizações, considerando as etapas da vida profissional e as particularidades que envolvem cada sujeito e cada contexto. Por exemplo: ao contrário do que se imagina Marchesi (2008) afirma, a partir de pesquisas aplicadas, que os professores brasileiros com mais tempo de ensino não mostram atitude negativa. Ao contrário, apresentam um espírito animado e inovador, inclusive em um grau mais

elevado do que seus colegas mais jovens. Segundo o autor, fazem parte de um grupo que atribui valor às suas condições de trabalho e que enfrenta as reformas educacionais com melhor disposição e empenho.

São consideradas emoções positivas o afeto e a satisfação pelo progresso dos alunos, que se traduzem em recompensa pelo esforço profissional dos professores. Ao perceber que seus alunos aprendem, que aqueles com maiores dificuldades avançam, que os desinteressados se mostram mais atentos e que os desobedientes evoluem no cumprimento das normas estabelecidas e negociadas com eles, a motivação se reestabelece favorecendo a confiança nos processos, mesmo que árduos e desgastantes.

São consideradas emoções negativas a frustração e a irritação, que vêm quando os objetivos se configuram inatingíveis, ao se detectar atitudes negativas dos alunos e dos pais, pela falta de apoio nas tarefas, na falta de atenção e mau comportamento dos alunos ou, ainda, pela ausência de colaboração dos colegas.

Marchesi (2008) verifica que o cansaço e o estresse conduzem ao aumento das emoções negativas, que, se recorrentes por muito tempo, levam ao abatimento e ao colapso emocional. As reações surgem de acordo com os mecanismos que cada sujeito dispõe para administrar os seus conflitos e as suas emoções negativas.

Para Jesus (2004 apud Mendes, 2011, p. 19), houve diferentes razões que comprometeram o status do professor na sociedade: a massificação do ensino em razão da obrigatoriedade escolar, que gerou uma perspectiva negativa de obrigação e não mais de direito; com o passar do tempo, a profissão tornou-se pouco seletiva, enfatizando uma imagem de desqualificação; ocorreram mudanças de valores sociais pela valorização do poder econômico e do individualismo, que fez com que profissões com maiores salários recebessem maior destaque; a evolução tecnológica, que espalhou mais informações com mais velocidade e fragilizou o conhecimento prévio do professor.

Observa-se que a identidade profissional também se constitui a partir da cultura escolar, na qual o professor desenvolve o seu trabalho:

“A identidade profissional se forma através da formação, das experiências em diferentes contextos e com diversos atores, a partir do significado atribuído à educação e frente a como os professores interiorizam e compartilham esses significados ao longo da sua vida profissional.” (MARCHESI, 2008, p. 120-121).

Referente às reformas da educação, Marchesi (2008) pondera que a falta de ajuste entre as reformas exigidas, os meios disponíveis, o apoio recebido e o reconhecimento do trabalho realizado estabelecem o mal-estar nos professores. Diante das reformas iniciadas, percebe-se que para alguns professores não ocorre o entendimento eficiente das dificuldades que elas acarretam, das adaptações que exigem, do esforço que significam e dos conflitos que provocam.

Considerando as contribuições dos autores pesquisados, percebe-se que, na atualidade, o professor absorve atribuições que ultrapassam em muito a ação de dar aula. Não se trata mais apenas de transmitir conhecimentos ou de mediar aprendizagens: o cenário exige que o docente esteja apto para mobilizar emoções, interesses e para driblar dificuldades institucionais, dos alunos ou, mesmo, as suas próprias. Tudo isso diante de um momento crítico, no qual é socialmente responsabilizado pela qualidade do ensino como um todo, como se este processo não envolvesse outras instâncias, quer econômicas ou mesmo sociais. Diferentes setores, internos e externos, podem potencializar ou minar a sua atuação. Sendo assim, compreende-se a importância do cuidado que deve ser remetido para este profissional para exercer sua função com preparo, competência, confiança e equilíbrio.

3.3. Demandas do docente e interferências da atualidade

Por questões históricas e sociais, já clarificadas anteriormente, o cenário geral da Educação envolve, atualmente, uma realidade na qual as famílias remetem ao espaço escolar muitas das suas atribuições. A escola, através da figura do professor, intermedia essa relação com a função de acompanhar e de estabelecer novos contratos que auxiliem no crescimento dos seus alunos, enquanto sujeitos e cidadãos.

O trabalho com alunos dos anos iniciais da educação básica impõe uma aproximação inquestionável com as famílias, com suas necessidades específicas e com suas histórias familiares. Com isto, o professor dos anos iniciais remete-se, em seu trabalho, para além da sua turma escolar e das tarefas burocráticas que este ofício envolve.

Como lidar de forma dinâmica, ética e eficiente com as diversas relações e demandas que permeiam a prática docente na atualidade? Cabe ao professor e também ao gestor reconhecer elementos que devem ser acompanhados,

considerados e analisados nesta jornada, para que a busca de estratégias e a sua condução ocorra através de meios eficazes e fundamentados.

3.3.1 A relação entre responsáveis e professores

É determinante que a relação entre professor e família seja respeitosa e de parceria, apesar da tensão social e pessoal exercida sobre ambos neste momento de constantes transformações. Esta relação prevê enlaces de diversas emoções e de conflitos.

A Escola, a Educação, vive um momento de perplexidade, sem definição de como conciliar as necessidades de uma sociedade em mudança permanente (com contestação, transformações e mudanças e paradigmas e valores) e uma proposta educacional que prepare o “homem do futuro”. (OUTEIRAL, 2005, p. 7).

A relação do aluno com a escola é afetada pela significação que os pais dão a ela, aos estudos dos seus filhos e às relações dele com os demais alunos. Outeiral (2005), considera que, ao chegar na escola, a criança traz seus aspectos constitucionais e suas vivências familiares, mas que o ambiente escolar também será fundamental e constituinte para o seu desenvolvimento. Ele enfatiza que é no espaço escolar que a criança inicia o seu processo de independência, de individualização, com a separação do seu grupo original. E que, por consequência, a escola sofre pressões, mais ou menos manifestas, de forma direta ou indireta.

Outeiral (2005, p.13) destaca que Winnicott, em 1975, já referia que a escola é que acolhe o aluno da família e o conduz para a sociedade, o que Winnicott define como um “espaço de transicionalidade”. Encontramos em Marchesi (2008) contribuições nessa mesma perspectiva:

[...] não se pode esquecer o papel do filho-aluno nesse processo. Seu comportamento na escola e na família, as relações com colegas, amigos e irmãos, as informações que transmite na escola sobre seus pais, ou na família sobre seus professores, influenciam nas relações entre pais e professores e nas repercussões emocionais que provocam. (MARCHESI, 2008, p. 111).

É preciso criar estratégias para integrar os grupos de alunos, professores e pais, administrando e lidando com suas ansiedades, fantasias e defesas. Muitos dos conflitos e descontentamentos ocorrem no espaço escolar, em razão da falta de comunicação e de uma interação deficiente. Um dos caminhos para investir na linha

da cultura de confiança seria ofertar espaços para convivência e para trocas, através de reuniões, de eventos de integração e de formação (como palestras, com temas de acordo com demandas específicas), pois, dessa forma, a escola estaria demonstrando o seu olhar, o seu interesse e o seu cuidado para com a sua comunidade escolar.

Outro ponto importante a ser considerado é a elaboração e a utilização do regimento escolar, que dentre outros, deve esclarecer como devem ocorrer os encaminhamentos diante de diferentes situações, garantindo resoluções pautadas no diálogo e no respeito.

Para gerar confiança com as famílias, Marchesi (2008), indica que o professor precisa estar sensível e atento aos problemas, bem como estar disposto a escutar, rever as suas propostas e estratégias, a fim de criar um clima de colaboração mútua. Na comunicação diária, de forma pessoal ou mesmo através de bilhetes, e/ou nos atendimentos realizados em reuniões com cada família, tanto o professor quanto a equipe gestora podem reconhecer anseios familiares e, com isto, intervir com ações que previnam a produção de futuros conflitos.

Quando malconduzidas, as relações se desgastam e podem interferir no desenvolvimento do processo de ensino/aprendizagem. Ao se sentir exposto ou constrangido pelos responsáveis, o professor necessita de apoio para reestabelecer e neutralizar as relações com a família e com o aluno. Os gestores têm papel fundamental nesse enlace, ao permanecer atentos e intervir com estratégias necessárias para evitar que tais relações se comprometam.

3.3.2 A relação entre alunos e professores

Algumas dificuldades escolares se originam por parte do comportamento dos alunos, não desconsiderando que outras podem vir a se desencadear em um processo inverso.

Faz-se necessário compreender como essas relações se estabelecem, a fim de fundamentar o entendimento da inter-relação entre as duas partes: docente e discente. Os professores muitas vezes são o primeiro objeto do “amor edípico”, numa “transferência” amorosa. É comum um aluno transferir o amor que sente pela mãe para a professora, por esta remeter-lhe, de forma consciente ou inconsciente, à figura materna. Segundo Outeiral (2005), esse amor tem um aspecto incestuoso, produzindo ansiedade e culpa, o que se manifestará de forma sublimada, pelo interesse ou pelo

desinteresse para aprender. Por outro lado, quando um professor separa a criança da sua mãe, na chegada à escola, estimulando que ela brinque com colegas da turma, está exercendo a função paterna. Portanto, desde que o vínculo esteja estabelecido, o professor irá exercer funções de representação das ordens materna e paterna. Desta forma, conseguimos perceber o quanto a subjetividade está presente nessa interação, a partir da condução do professor.

A questão que envolve o manejo de limites também é um aspecto verificado, quando a abordagem do desgaste profissional está em pauta. Outeiral (2005) refere que as crianças e os adolescentes pedem limites e que este limite organiza a sua mente. Para o autor, colocar limites remete a envolvimento, a conter e a suportar reclamações e protestos, em suma: a enfrentar dificuldades. Desta forma, compreende-se que, ao colocar limites, o professor se faz presente e acolhedor nas necessidades dos seus alunos, embora provoque desapontamentos e contrariedades. Mas entende-se ser esta uma das atribuições do adulto em relação a uma criança ou a um jovem em desenvolvimento.

“Limite remontado, significa a criação de um tempo e um espaço protegido, dentro do qual a criança poderá exercer sua espontaneidade e criatividade sem receios ou riscos. Não existe um conteúdo organizado sem um continente que lhe dê forma”. (OUTEIRAL, 2005, p. 56).

Outeiral (2005), nos convoca a compreender um pouco mais dessas relações que se imbricam, quando refere que o amor e a agressividade, que originalmente são dirigidos aos pais, serão transferidos para os professores. Dessa forma, entendemos que a escola irá sustentar estas relações de transferências no seu cotidiano.

Paralelamente, sabe-se que trabalhar com crianças pode despertar aspectos infantis nos adultos e, com isto, os professores podem desenvolver sentimentos por uma determinada criança que evoque suas próprias situações de vida nestas etapas do desenvolvimento. Sendo assim, é muito importante que o professor também consiga manter-se vigilante, no sentido de se conhecer, de se perceber e de usar estratégias para reorganizar-se com constância, no seu papel de adulto. Também se verifica, em certas situações, que o professor apresenta resistência no trato com determinados alunos. Outeiral sinaliza que isto pode ser uma defesa do profissional enquanto sujeito, por assim dizer: “Os professores, muitas vezes, não toleram as

dificuldades de um determinado aluno porque sentem estas dificuldades como ferida narcísica em sua capacidade de ensinar”. (OUTEIRAL, 2005, p. 7).

A agitação dos estudantes também denota preocupação frente a desafios escolares, que exigem controle do corpo e foco dos pensamentos. Desenvolver a autonomia para resolver pequenos conflitos diários também organiza o aluno para o estudo. Substituir a “agitação” dos alunos por verbalização de conflitos, para Outeiral (2005), deveria ser considerada uma estratégia na qual o professor tenha que investir em sala de aula ao promover atividades. Leituras coletivas de contos e de poesias, práticas teatrais ou de pequenos esquetes são alternativas para auxiliar os alunos nesse aspecto.

Muitas vezes, os professores relatam que as atitudes de determinados alunos ocorrem num ritual recorrente, que transparece carências. Marchesi (2008) indica que a atenção dos professores diante do clima emocional (que deve orientar as relações com os alunos) tende a ser benéfica para todos e sobretudo para aqueles mais imaturos, com maior necessidade de proteção ou com mais dificuldade para se organizar de forma autônoma.

Veiga (1999) ressalta que atualmente a postura dos alunos também implicará em bem mais do que apenas ser um mero receptor de conteúdos. Com isto, concordamos que se faz necessário que o professor se aprimore e desenvolva dinâmicas que cativem o aluno na ordem do afeto, para que a relação entre ambos seja positiva e promova bem-estar.

Picado (2009) concorda com Jesus (1996) quanto à relevância da qualidade da relação entre o professor e o aluno para a promoção do bem-estar docente. Enquanto líder, o professor procura conduzir os alunos às aprendizagens e, para isto, aciona um conjunto de competências interpessoais, confirmando que não é meramente um transmissor de conhecimentos. A partir disso, concordamos que o vínculo, quando bem estabelecido, gera cumplicidade no processo, nas ações, nos estudos, nas descobertas, no crescimento e, com isto, constitui-se o sentimento de pertencimento compartilhado entre professor e aluno.

Desta forma, é coerente considerarmos as contribuições dos autores no sentido da escola, na figura dos seus gestores e professores, investir em estratégias que promovam intencionalmente boas relações no espaço da sala de aula, com vistas ao bem-estar do professor, gerando assim reflexos no bem-estar e na aprendizagem dos seus alunos. Tanto o professor quanto o aluno são seres humanos e, portanto, são

atravessados por suas emoções constantemente e, assim, a educação deve acontecer numa ótica cada vez mais humanizadora, considerando o desafio de lidar com a diversidade dos modelos familiares que se projetam nos alunos em sala de aula.

3.3.3 A relação com os colegas

As escolas configuram uma rede de relações em torno de projetos, de interesses, de afinidades, que podem facilitar ou bloquear o trabalho coletivo e o apoio mútuo. Sobre o vínculo com os colegas, Marchesi (2008) traz que os professores desejam sentir-se acolhidos e manter relações sociais positivas com a maioria dos colegas. Quem, ao sair de casa, diariamente, não deseja se sentir bem, seja onde for e com quem se relacionar?! Não se trata de desejar apenas uma rotina totalmente imperturbável, sem imprevistos ou desafios; trata-se de se sentir acolhido, acompanhado e motivado para conduzir o trabalho com satisfação e bem-estar, potencializando as ações e decisões necessárias para os momentos mais conflitantes.

Normalmente, o perfil do professor remete a um profissional detalhista, exigente e comprometido com seus afazeres. Esta característica de personalidade dedicada, se bem direcionada, pode se tornar muito eficiente e necessária para qualificar um trabalho conjunto. Por outro lado, se a atuação for mais solitária e o sujeito, dotado de vaidades exacerbadas, esta característica poderá promover disputas desgastantes no ambiente de trabalho. Percebe-se que a competitividade entre colegas prejudica os processos e, com isto, é importante que as relações de equipe se constituam em um aspecto colaborativo e em um clima de respeito, acolhimento e cumplicidade, para que o contexto escolar e os processos de aprendizagem se beneficiem nestas relações estabelecidas.

Pelo fato do trabalho envolver os sujeitos em uma convivência rotineira, também pode ser comum que alguns vínculos de amizades se formem entre colegas. Ao buscar manter e não comprometer a perspectiva e a atuação profissional, este normalmente é um aspecto acompanhado pelos gestores com cautela.

Sobre ter ou não proximidade excessiva entre os membros de uma equipe, considera-se que em contraponto a algumas opiniões, é mais prejudicial a ausência de vínculos afetivos ou a existência de confrontos pessoais, do que o estreitamento de vínculos considerados excessivamente fortes. (MARCHESI, 2008, p. 107).

O clima organizacional e a motivação profissional são percebidos no dia a dia, nas reuniões de equipe ou então nas conversas trocadas nos momentos de intervalos, nas salas dos professores. É interessante observar em que medida os profissionais se manifestam sobre os trabalhos em curso ou, então, sobre assuntos dissociados do trabalho. Cabe ao gestor acompanhar o andamento dessas relações; não no intuito de fiscalizar, mas no sentido de verificar como está a convivência no espaço escolar, para que a produtividade do grupo não seja comprometida por rugas pessoais.

Este subcapítulo nos leva a concordar com o autor, que marca a importância dos laços estabelecidos na coletividade como um fator que pode agregar força ao bem-estar docente, pois, considerando as ideias pesquisadas e o olhar voltado para as realidades escolares visitadas através da pesquisa com os professores, percebe-se que um dos pontos no qual o profissional encontra apoio para aliviar tensões e nutrir o significado da sua prática é o social.

3.3.4 A relação com os gestores

Outra ponta relevante da trama de relações no espaço escolar se dá entre o professor e a gestão. Como já foi mencionado anteriormente, o clima de confiança deve se aplicar, para que o sentimento coletivo se mantenha coeso e dê combate aos atritos que naturalmente surgem nas adversidades e na convivência escolar.

Dentre vários desafios, a equipe gestora tem por função fomentar a cooperação e o apoio mútuo entre os professores. Para Marchesi (2008), esta é possivelmente uma das dimensões que mais influenciam na situação dos professores, indicando que é necessário desenvolver um projeto coletivo que evite conflitos e que negocie soluções, numa cultura de colaboração profissional. Este profissional poderá desenvolver os sentimentos de pertencimento e de conforto, de acordo com as relações estabelecidas e reafirmadas na dinâmica de interação coletiva. O perfil da liderança poderá influenciar de forma facilitadora, ou não, neste aspecto.

Em suas ações, a gestão deve externar uma postura de liderança responsável e ética, mostrando-se exemplo para que o professor se sinta respaldado em suas ações, remetidas tanto aos alunos quanto no manejo com as famílias. Não é raro encontrar relatos de professores que não se sentem amparados pela equipe diretiva. E isto reafirma a importância da parceria a ser firmada e acompanhada, com vistas à

qualidade dos processos. O projeto de escola que envolve o incremento da aprendizagem também conta com interferências na formação de conceitos e de atitudes dos seus alunos não pode ficar exclusivamente a cargo de uma ação solitária. Tanto frente a questões administrativas quanto pedagógicas e pessoais, o gestor deve ser a base da ação conjunta com o professor.

Também cabe ao gestor o incentivo e o acompanhamento do aprimoramento docente, através da formação continuada, promovendo a transformação na educação por meio da constituição de um perfil profissional intencionalmente reflexivo, esclarecido e consciente do seu papel social. Segundo Rausch e Dubiella (2013), a formação contínua pode ser um forte elemento de promoção de bem-estar dos professores, quando ela consiste numa abordagem analítica, convidando o professor a refletir sobre a sua prática, organizada em comunidades reflexivas. Para Nóvoa (1997, p. 27), “o profissional competente possui capacidades de autodesenvolvimento reflexivo”. Ou seja, entendemos ser primordial que se invista regularmente em uma prática fundamentada, gerando segurança para o professor pelo viés do conhecimento.

Rausch e Dubiella (2013) indicam que as administrações educacionais devem investir em recursos e promover meios para valorizar e apoiar o desenvolvimento profissional dos professores e a qualidade do ensino. Em contrapartida, o docente deverá reconhecer que a qualidade da sua atuação e que sua satisfação com o trabalho resultam do seu equilíbrio emocional, a ser renovado de forma constante e ininterrupta.

A escola atual deve ser inclusiva e integradora, adotando estratégias inovadoras para promover suporte e processos de apoio e acompanhamento, de acordo com as necessidades do seu público-alvo. Concordamos em que investir nas habilidades e nas competências integrais dos professores produzirá reflexos na sua qualidade de vida profissional, familiar e na promoção do seu potencial de aprendizagem e de autoconhecimento. Com isto, a escola estará contribuindo para a renovação do status docente e investindo na qualidade das relações estabelecidas no espaço escolar e na aprendizagem dos seus alunos.

3.3.5 Acúmulo de exigências, formação e novas tecnologias

As demandas escolares aderem a um ritmo frenético desencadeado pelo superestímulo, a partir do uso de tecnologias, da concorrência de mercado, da crise social e econômica da sociedade nacional atual. Desta forma, o espaço escolar é invadido naturalmente pelo alargamento de função, que nem sempre é percebido, reproduzindo um excesso de tarefas e de exigências, que geram sobrecarga para o professor.

Em pesquisa referente à imagem docente, Stobaüs (2011) relata de que já houve maior respeito à figura do professor, mas que as cobranças internas e externas, no cotidiano atual, integram cada vez mais funções relativas a conhecimentos, a habilidades e a atitudes, que se tornam um fator de grande desgaste para este profissional. Diante desse cenário, nos indagamos: como delimitar as reais atribuições dos professores, para que essenciais condições de atuação não sofram interferências desfavoráveis quanto à eficiência do seu trabalho?

Tantas mudanças nos levam a refletir se a formação que está sendo oferecida para este profissional é capaz de suprir as demandas pedagógicas atuais. É imprescindível considerar que a formação inicial docente deve se ater ao cuidado com a construção de uma perspectiva até então idealizada, ou seja, mais focada apenas na transmissão de conhecimentos, a qual não corresponde às reais condições e às adversidades que a atuação em sala de aula nos dias de hoje prevê. Com isso, consideramos que, se não houver ajustes imediatos e novas abordagens nos cursos de formação, facilmente é previsível a produção de uma importante fragilidade na constituição desse profissional, que jamais encontrará na sua prática uma rotina descomplicada, uma sala de aula homogênea, diante da diversidade de modelos familiares e das interferências sociais e econômicas da atualidade.

Outro aspecto relevante que contribui para o esgotamento, dentro da ideia do acúmulo de exigências, diz respeito à incorporação de tecnologias da informação ao ensino. Observa-se que o docente tem sido convocado a fazer uso de recursos tecnológicos na sala de aula, aliando um conjunto de conhecimentos e habilidades para alfabetizar os alunos para novas tecnologias.

O professor torna-se o ponto de referência para orientar seus alunos no processo individualizado de aquisição de conhecimentos e, ao mesmo tempo, oferece oportunidades para o desenvolvimento do processo de construção coletiva do saber através da aprendizagem cooperativa. Sua competência deve deslocar-se, no sentido de incentivar a aprendizagem e o pensamento,

sua atividade será centrada no acompanhamento e na gestão da aprendizagem. (LEVY, 2000, p. 79).

Só que, para trabalhar o seu conteúdo e desenvolvê-lo através da utilização desses novos meios, percebe-se que nem sempre ocorre a devida qualificação e a disponibilidade dos recursos necessários, tanto pessoais quanto materiais. O discurso motivador garante que as TICS facilitam novas formas de aprendizagem e que dominá-las irá trazer contribuições e facilitar os processos, mas até que essas tecnologias sejam incorporadas à prática de fato, evidentemente também podem se tornar fator de desgaste para o docente.

Analisando a questão, é possível constatar atitudes de resistência, de indiferença e de rejeição às novas tecnologias por parte de alguns professores, associados ao receio de que os alunos dominem mais do que eles as ferramentas em questão, expondo a sua competência profissional no processo de ensino-aprendizagem. Também se percebe um receio manifesto referente à possibilidade de serem substituídos por outros professores, mais bem preparados e mais dispostos a esta inovação; sem resistência para fazer uso de tais ferramentas. É imprescindível que estas questões sejam conduzidas pela equipe gestora, a modo de esclarecer para o professor qual é a real intensão e qual é a expectativa da escola quanto à implantação e ao aprimoramento deste tipo de recurso, a pequeno, médio e longo prazo, evidenciando reconhecer, desta forma, a capacidade e a habilidade de cada professor e com quais estratégias de apoio eles poderão contar.

É inegável que a escola se apresenta, num contexto, ligada ao mercado que busca a formação de cidadãos para o mundo produtivo, mas, tendo o compromisso com a formação integral do aluno, também deve avaliar em que medidas e em quais condições essa inserção será produtora de crescimentos. Não se trata de desprezar o uso desse tipo de recurso, mas, sim, de conduzir o processo com o merecido cuidado, para que esta mudança seja exitosa, considerando a perspectiva de que: “[...] é através da obtenção de informação tecnológica utilizada pelas novas gerações que se formará o elo de ligação (sic) para o interesse e a motivação dos alunos na aprendizagem.” (MARCHESI, 2008, p. 68-69).

Nessa concepção, cabe ao professor ambientar-se com esta nova dinâmica escolar e apropriar-se dessa linguagem e da ferramenta produzida pelo mercado na contemporaneidade e, à gestão escolar, acompanhar, apoiar e dinamizar esse processo, através do emprego de estratégias facilitadoras.

Um outro aspecto do uso das tecnologias faz referência a redes sociais e ao uso de aplicativos que mantêm o professor conectado quase que integralmente com o seu trabalho. Percebe-se o quanto é necessário, para a saúde mental do trabalhador, que este possa se distanciar e recorrer a atividades de lazer, sem estar ligado constantemente às suas atividades laborais, a fim de aliviar sintomas que remetem à pressão e ao *stress*. É comum observar que professores apresentam queixas do seu envolvimento com as demandas escolares em seu domicílio para muito além do tempo de planejamento, de preparação de aulas ou de correção de provas. Encaminhamentos e retornos escolares são muitas vezes convocados por internet, via computador ou via telefone, em um intervalo de tempo que extrapola, em muito, momentos que usualmente seriam pontuais.

Diante das multitarefas que o professor precisa realizar, Esteve (1999 apud Mendes, 2011, p. 18), evidencia a ampla relação que compete à função: preparar aulas e executá-las; manter a disciplina para preservar as relações respeitosamente e favorecer um ambiente propício para a pesquisa e para o compartilhamento de ideias; reparar e interferir no desenvolvimento dos alunos; adaptar o seu planejamento; orientar pais; dar conta de exigências burocráticas; elaborar atividades extracurriculares; acompanhar as novas tecnologias; e participar de formação continuada.

Enfim, incontáveis são os fatores que agregam ao acúmulo de exigências se associam naturalmente à prática docente. Aqui, elencamos pontualmente alguns. Esteve (1999) diz que as tensões são inerentes ao trabalho, mas o modo pelo qual o professor lida com elas e as resolve é que vai direcioná-lo para o mal ou para o bem-estar. Portanto, é essencial que o professor tenha conhecimento das possibilidades que lhe cercam e do que pode lhe afetar, em relação a sua saúde a partir da sua prática profissional, para que seja capaz de elencar estratégias preventivas ou de auxílio nesse sentido. Não obstante, a gestão também precisa estar atenta a essas questões. para auxiliar os professores em suas frustrações.

3.3.6 Esgotamento físico e mental

Considerando que as demandas e o comprometimento docente, por vezes implicam a clareza da medida do que denota dedicação e entusiasmo, Álvaro Marchesi (2008, p.125-126) indica que um distanciamento apropriado pode ser capaz

de produzir benefícios ao professor: “É preciso por um lado, que realizemos nossa atividade com suficiente distância profissional, para mantermos equilíbrio emocional e não nos esgotarmos no empenho imediato”. Desta forma, refletimos com o autor que cabe ao professor variar a sua rotina para além dos seus compromissos profissionais, com a finalidade de aliviar-se das demandas e de renovar as energias e o olhar sobre o seu cotidiano, tornando assim a sua prática mais leve e produtiva.

Visando ao equilíbrio emocional em prol da atividade docente, Mendes (2011) apresenta algumas estratégias elencadas por Mosquera (1978) para contribuir com o bem-estar docente. São elas:

- Enriquecer a autoconsciência, buscando o autoconhecimento para melhor conhecer o outro;
 - Adotar novas maneiras de ensino ou formação;
 - Examinar as insatisfações buscando soluções;
 - Reconsiderar a carga de trabalho, pois, quando torna-se excessiva produz pressões e tensões;
 - Destinar tempo para o ócio e para o lazer com entretenimentos desvinculados à educação;
 - Dialogar com familiares, amigos e colegas para liberar tensões;
 - Realizar uma atividade física que seja prazerosa para aliviar a exaustão;
 - Evitar descarregar as frustrações nos alunos;
 - Buscar assistência profissional quando em vista da magnitude dos problemas;
 - Retirar-se estrategicamente de situações muito stressantes(sic) ou ao concluir que não tem mais prazer para lecionar.
- (MOSQUERA, 1978 apud MENDES, 2011, p. 27)

Na mesma direção, Marchesi (2008) também indica algumas estratégias, como:

- Ser competente na ação educativa através de formação, pois atualização gera confiança;
 - Cultivar colegas e amigos estabelecendo uma rede de apoio;
 - Distanciar-se suficientemente através do lazer e passatempos para assumir os compromissos com paixão.
- (MARCHESI, 2008 apud MENDES, 2011, p. 28)

Entende-se, desta forma, que as ideias dos autores conversam, possibilitando compreender que o professor também deve investir no seu bem-estar, para além do apoio recebido nos espaços escolares e da sociedade como um todo. O que se percebe é que, quanto maior for a bagagem cultural do professor, formada através de outras experiências e relações constituídas fora do contexto escolar, mais estas lhe servirão de base para que as suas relações profissionais ocorram numa ampla perspectiva, estruturada com diversos elementos, que irão lhe fornecer o bem-estar necessário para atuar com maior equilíbrio e adequação.

3.3.7 Desvalorização profissional e questões de autoestima

Já está posto que a profissão docente é uma atividade que envolve diversos fatores de tensão, que interferem na vida e na saúde do professor e que isto acaba por refletir no seu fazer pedagógico.

O professor, atualmente, precisa estar capacitado e potencializado para atender a um público resultante da falência das grandes instituições de socialização, como a família, a religião ou o esporte. Para Meurieu:

Estamos diante de uma situação relativamente inédita e cuja evolução é extremamente rápida: os esforços pedagógicos dos professores parecem confrontar-se com uma dificuldade nova, que não está ligada essencialmente ao nível dos alunos, porém, mais do que isso, ao fato de que eles chegam à sala de aula sem ter constituído as atitudes exigidas para se introduzir em uma situação escolar tradicional. (MEURIEU, 2008, p. 252).

Diante disso, incalculáveis são os esforços somados pelo professor para integrar conteúdos e orientações de condutas que interferem no andamento das aulas. Deve-se considerar que, atualmente, este profissional precisa mediar diferentes fatores para atingir seu objetivo inicial, que é a aprendizagem. E que nem sempre percebe seu esforço sendo valorizado, seja pela escola, seja pelas famílias.

Além disso, muitas das conduções realizadas envolvendo as atitudes dos alunos não apresentam resultados satisfatórios de imediato, o que interfere na sua percepção de desvalorização profissional e, muitas vezes, na sua autoestima, dependendo da sua capacidade de absorção ou da intensidade de tensões armazenadas.

No entanto, não é porque essas condições de trabalho são extremamente difíceis que aquele que as enfrenta consegue resolver corretamente os problemas com que se depara; também não é verdade que a dificuldade por si só confere uma lucidez particular; ela pode, ao contrário encerrar o sujeito na imediaticidade, engolfá-lo no cotidiano medíocre e impedi-lo de tomar o recuo necessário para compreender verdadeiramente as coisas. (MEURIEU, 2008, p. 21).

Analisando a questão, na prática é preciso considerar quais estratégias o professor poderá utilizar-se para driblar a questão de sua desvalorização profissional e que se reflete na sua autoestima. É importante instrumentalizá-lo nesse percurso, para que se fortifique diante das demandas pessoais, profissionais e sociais e para que se minimizem danos.

Por razões históricas, já mencionadas, verificamos o prejuízo constituído à credibilidade frente à qualificação desse profissional, que, independentemente da formação ou da capacidade, tem sua prática colocada em dúvida sem reservas. Confirmando esta condição, Meurieu (2008) refere situações escolares que agora se impõe ao professor: “comprovar a importância daquilo que propõe, sua capacidade de executar e resistir contra qualquer suspeita que possa pesar sobre ele”.

Nos indagamos em que medida o professor é respeitado enquanto profissional. Meirieu (2008) confronta a escola dos professores e a escola dos profissionais. O autor indica que a importância do debate consiste no futuro da escola, não sendo meramente um debate pedagógico, no qual o pedagogo terá de se posicionar, enquanto cidadão a frente da sua profissão. Ou seja, é um enfrentamento social a partir do qual o professor deverá reconstruir sua imagem, enquanto cidadão profissional e, para tanto, precisará, entre outros, de contar com a administração escolar, no sentido de legitimar e divulgar a formação inicial e continuada da sua equipe, tanto nas esferas internas quanto externas, contribuindo para a renovação da imagem dessa classe profissional, para a valorização da Educação e para a manutenção da escola como espaço singular na construção da socialização, através da aprendizagem.

Num cenário mais positivo, quando o professor se sente bem e está inserido numa cultura que ativa o seu bem-estar, ele consegue organizar-se para fazer um bom trabalho na sala de aula, ministrando bem as suas aulas, administrando com habilidade os conflitos que ocorrem, incorporando algumas mudanças metodológicas em sua atividade docente e, com isso, alcança o reconhecimento dos alunos e dos seus colegas.

O professor que tenha autoconceito equilibrado e positivo, tende a ser um profissional melhor na sua ação pedagógica. Enquanto o educador que não confia muito em si ou sente frustração, dificilmente será capaz de despertar motivação, confiança ou otimismo nos seus alunos. (AXPE, GOÑI e ZULAIKA, 2009 apud MENDES, 2011, p. 45-46).

O domínio das competências profissionais o torna mais confiante e, portanto, o cuidado com seu bem-estar emocional e profissional pode lhe amparar para enfrentar experiências negativas. É no reconhecimento profissional e vivendo um conjunto de emoções positivas com colegas e com os alunos que a autoestima forma uma base sólida.

Muitas mudanças e alternativas de práticas seguirão sendo analisadas em pesquisas e alteradas no contexto escolar. Porém, concordamos com que seja essencial que a saúde do professor seja considerada, a fim de garantir qualidade na condução dos processos escolares.

4 AS RELAÇÕES QUE SE ESTABELECEM NO ESPAÇO ESCOLAR (PESQUISA DE CAMPO)

4.1 Metodologia

Intencionalmente, buscou-se examinar o espaço escolar através de dados colhidos em questionários com a finalidade de apoio à equipe pedagógica, a fim de somar elementos que auxiliem no emprego de ações que legitimem a escola como um ponto de fusão entre o conhecimento e a relação professor X aluno.

A partir do olhar da gestão e de uma proposta de análise da perspectiva do professor, o instrumento de coleta de dados baseou-se na aplicação de questionários.

A investigação utiliza o método qualitativo, tendo como referência Minayo (2008), a qual destaca que, na pesquisa qualitativa, o importante é a objetivação, pois durante a investigação científica é preciso reconhecer a complexidade do objeto de estudo, rever criticamente as teorias sobre o tema, estabelecer conceitos e teorias relevantes, usar técnicas de coleta de dados adequadas e, por fim, analisar todo material de forma específica e contextualizada. De acordo com a autora, buscou-se evitar o excesso de juízos de valor na pesquisa, com o uso de um método que oportunizasse a produção de conhecimento legítimo e reconhecido.

Com a pesquisa de campo, buscou-se compreender melhor os fenômenos em estudo que se tornam explícitos nas manifestações individuais e de grupo, dentro do seu ambiente ou contexto social. E, na sequência, dedicar-se a interpretá-los, segundo a perspectiva dos participantes envolvidos, sem se preocupar com representatividade numérica, generalizações estatísticas e relações lineares de causa e efeito.

O instrumento de coleta de dados baseou-se na aplicação de questionários. A proposta da pesquisa foi apresentada inicialmente às coordenações gestoras ou pedagógicas e os questionários, disponibilizados por via de rede tecnológica, tendo

sido ofertada também a opção de cópia física. Junto à carta de apresentação da pesquisa, dois questionários específicos foram remetidos: o primeiro, destinado para gestores ou para supervisores escolares; o segundo, para os professores. O prazo estipulado para realização e reenvio do questionário foi de 15 dias.

A pesquisa envolveu dez escolas. Das dez escolas, apenas uma manifestou retorno sobre a sua participação na pesquisa, sendo este: negativo. Tal posicionamento acabou inviabilizando o acesso do questionário também aos professores atuantes naqueles espaços de ensino.

Buscou-se, então, a alternativa do contato direto com professores que atuam em diferentes escolas da rede privada da região. Houve manifestações de interesse em participar da pesquisa, sendo que 15 retornaram o questionário preenchido.

No grupo docente, observou-se que existia uma variável no tempo de atuação, sendo que a maioria já atuava no mesmo espaço escolar por mais de cinco anos. Quanto à formação dos participantes, 100% cursaram licenciatura, 93,3% têm pós-graduação, 20% com mestrado e 6,6% com doutorado.

Sendo assim, no percurso da coleta de dados, obtivemos um retorno diferenciado do pretendido inicialmente. Na sequência, revelaremos as contribuições obtidas com os professores participantes da pesquisa.

4.1.1 Local e participantes do estudo

Para a realização de uma apreciação da real condição na qual o docente está inserido, neste estudo nos voltamos a um contexto de escolas privadas, numa realidade que é, ou que deveria ser, dentro de um panorama que se apresenta bastante variado no contexto nacional, uma possibilidade de referência para a qualidade em educação e, por consequência, com supostas melhores condições de trabalho.

O grupo envolvendo os anos iniciais do ensino fundamental nos remete a um dos pontos de destaque nas pesquisas sobre bem-estar e mal-estar docente, pelo fato de adicionar um fator de pressão extra ao professor provindo da proximidade evidente da ação docente na relação direta com a família, no decorrer de todo o processo de aprendizagem desta etapa escolar.

As escolas buscadas são instituições privadas e independentes, de redes diferenciadas.

4.1.2 Equipes gestoras – considerações e estratégias empregadas

Como já referido, das dez escolas escolhidas aleatoriamente entre dezesseis escolas privadas da região do Vale dos Sinos, apenas uma remeteu retorno, justificando participação em outras pesquisas e negando o envolvimento com este estudo. As outras nove escolas não manifestaram resposta de participação.

Cabe aqui analisar algumas hipóteses sobre esta recusa: 1) Pode-se considerar que as escolas estejam, de fato, enredadas com as suas demandas e processos internos, não disponibilizando tempo para envolvimento adicional; 2) Pode-se cogitar que algumas escolas não percebam que a abordagem dessa temática seja relevante para a sua equipe no presente momento; 3) Outra hipótese seria a de que abordar este assunto provoque manifestações indesejáveis no grupo; 4) Ou, ainda, caberia presumir que algumas equipes não acessaram o material com a devida atenção, desconhecendo o conteúdo (apesar de tratar-se de um material objetivamente reduzido).

Desta forma, não há dados a serem analisados nessa seção do trabalho.

4.1.3 Professores – grau de conhecimento sobre o tema, grau de identificação com o problema e estratégias utilizadas

Os professores participantes dessa pesquisa têm entre 33 e 53 anos. Todos atuam nas suas escolas há mais de 5 anos. Suas qualificações incluem magistério, curso superior e pós-graduação. Três apresentam mestrado e um está qualificando-se com doutorado. A seguir, apresentamos informações referentes à coleta de dados.

4.2 Coleta de dados

A pesquisa foi realizada a partir da contribuição de 15 professores dos anos iniciais do ensino fundamental da educação básica, que atuam em diferentes escolas da rede privada da região do Vale do Rio dos Sinos. No que se refere aos conceitos de bem-estar e de mal-estar docente, uma questão que abre possibilidades para múltipla escolha, a maioria, ou seja, 80% dos participantes manifestaram que já tiveram contato com o assunto, através de trocas de experiências com colegas. Sobre participação em palestras ou leituras de livros ou pesquisas sobre o assunto, em torno de metade dos participantes, 53,3%, assinalaram esta alternativa. Apenas uma pessoa manifestou que nunca se ateve à esta questão, o que nos remete a um percentual de 6,6% do total.

(Questão de múltipla escolha)

(04) Já leu livros e/ou pesquisas sobre o assunto.

(08) Já participou de palestras sobre o assunto.

(12) Tem contato com o assunto através das trocas de experiências com colegas.

(01) Nunca se ateve a esta questão.

Sobre como se sentem em relação à profissão de docente, os resultados evidenciam que a maioria diz se sentir satisfeita, mas que experienciam episódios pontuais de mal-estar. Em torno de 1/3 dos participantes se sentem desmotivados por experienciar episódios recorrentes de mal-estar. Apenas um participante manifesta que sente-se plenamente realizado.

(01) Sente-se plenamente realizado.

(10) Sente-se satisfeito, mas experiencia episódios pontuais de mal-estar.

(04) Sente-se desmotivado por experienciar episódios recorrentes de mal-estar.

Na questão que se refere a quem deve promover o bem-estar do docente, a maioria, 93,3%, considera que este é um fator promovido por vários agentes integrados, envolvendo: a equipe gestora, o próprio docente, a comunidade escolar

(alunos, famílias) e a sociedade. Especificamente o participante que nunca se ateve a esta abordagem indicou que a responsabilidade é apenas da equipe gestora.

(01) da equipe gestora

(---) do próprio docente

(---) da comunidade escolar e sociedade

(14) de todos os elementos apresentados anteriormente, integrados

(---) por nenhuma das opções apresentadas

Ao elencar, numerando em ordem de importância (em uma escala de um a dez, na qual um é considerado o mais relevante e dez, o menos relevante), as questões que interferem no bem-estar do professor no cotidiano escolar, as combinações apresentadas foram as seguintes (cada coluna representa o conjunto de respostas de cada participante):

Tabela 1 - Questões que interferem no bem-estar do professor no cotidiano escolar

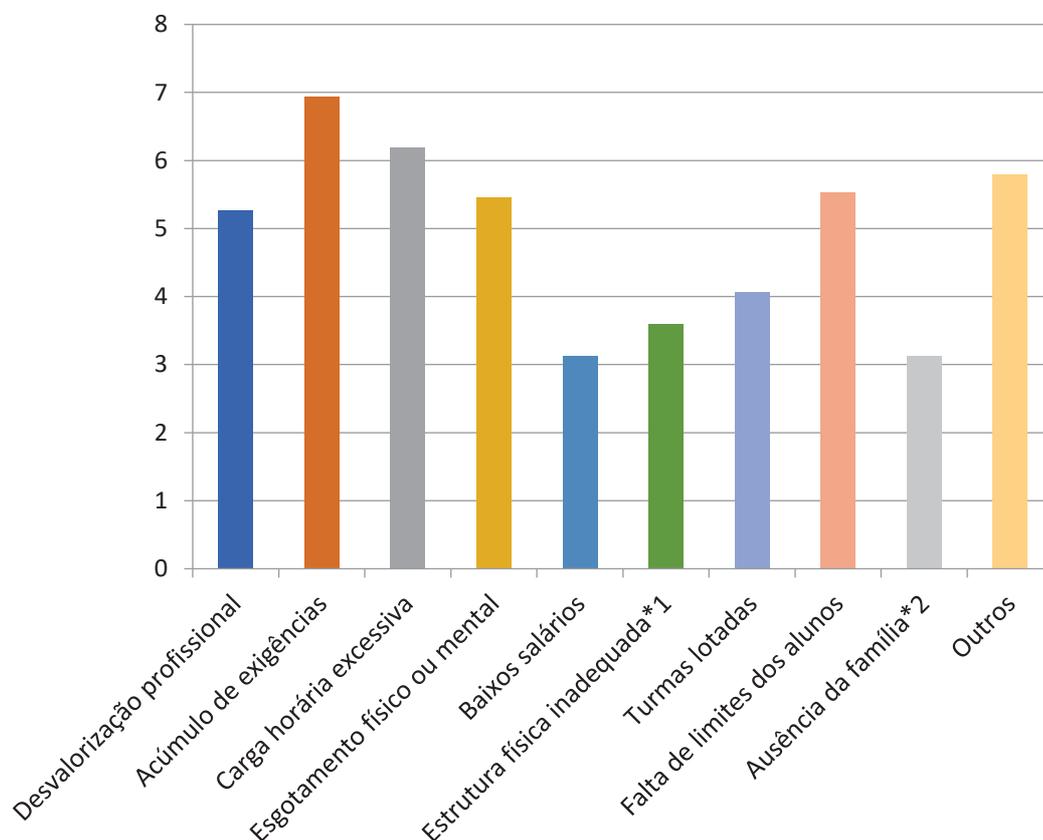
QUESTÕES	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O
Desvalorização profissional	5	6	8	2	5	8	1	3	10	6	7	1	4	4	1
Acúmulo de exigências	1	1	3	1	2	1	2	1	4	2	10	2	9	3	4
Carga horária excessiva	4	3	1	4	6	3	5	4	5	1	4	5	5	2	5
Esgotamento físico ou mental	2	4	2	3	7	4	4	2	6	8	5	4	6	5	6
Baixos salários	7	8	7	9	8	7	9	9	3	10	6	8	1	8	3
Estrutura física inadequada*1	10	9	6	8	9	9	7	7	2	9	2	6	3	7	2
Turmas lotadas	6	7	5	7	3	6	8	8	7	7	3	7	2	6	7
Falta de limites dos alunos	3	2	4	5	1	2	3	6	9	3	9	3	7	1	9
Ausência da família*2	8	5	9	6	4	5	6	5	8	5	8	9	8	9	8
Outros	9	-	10	-	10	10	-	-	-	4	-	-	10	10	-

*1 Estrutura física inadequada/recursos materiais

*2 Ausência da família no apoio e acompanhamento dos educandos

Fonte: elaborado pela autora (2018)

Gráfico 1 - Importância dos fatores que interferem no bem-estar da ação docente, na perspectiva dos entrevistados



*1 Estrutura física inadequada/recursos materiais

*2 Ausência da família no apoio e acompanhamento dos educandos

Fonte: elaborado pela autora (2018)

Foi feita uma média, integrando as respostas dos participantes por grau de importância para cada fator. As barras maiores representam os fatores mais importantes para os entrevistados.

4.3 Verificação dos dados coletados

Num contexto de escola privada, observou-se neste estudo que a questão salarial e a ausência da família não são aspectos de maior relevância. Ou seja, dados nos apontam que, nesta realidade, estes aspectos estão supridos de forma

satisfatória. Na sequência, turmas lotadas e estruturas físicas também não receberam um destaque tão significativo, o que corresponde a uma estrutura adequada de trabalho, novamente considerando o contexto socioeconômico diferenciado das instituições em questão.

Por outro lado, a carga horária excessiva, o esgotamento físico e mental e a falta de limites dos alunos aparecem como aspectos relevantes na interferência da produção de bem-estar docente. Ou seja, são estes os incômodos principais presentes na rotina dos docentes no contexto pesquisado. Através dos questionários, observa-se então que se estabelece um paralelo com as teorias dos autores pesquisados, remetendo importância aos aspectos mencionados como sendo geradores de produção de mal-estar docente e que se evidenciam na manifestação dos professores.

O acúmulo de exigências se sobrepõe a todos os outros itens, destacando que os professores participantes da pesquisa se sentem sobrecarregados neste aspecto. Com isto, podemos verificar que nessa realidade existe uma cobrança maior, que envolve práticas, comprometimento e recursos diferenciados, no processo de ensino-aprendizagem a ser inovador, justificando o investimento financeiro empreendido pelas famílias.

Alguns participantes identificaram e expressaram outras problemáticas, que seguem listadas abaixo:

- A) Professor que não é apaixonado pelo que faz adocece e muito;
- B) Competitividade docente em uma área específica;
- C) Famílias querendo dar opiniões na metodologia da escola;

D) Interferência dos pais na rotina da escola e exigências que não são pertinentes ao espaço escolar, isto é, os pais, por estarem pagando pelos serviços prestados, sentem-se no direito de fazer certas cobranças, em relação ao zelo e a cuidado excessivo para com seus filhos.

Na questão aberta, apresentada no final do questionário, possibilitou-se ao participante registrar, de forma bem particular, algo que considerasse relevante sobre a temática e que não teria sido mencionado na pesquisa: “De acordo com o tema da pesquisa, bem-estar e mal-estar docente, tem algo que não foi questionado e que você gostaria de contemplar nesta pesquisa?” Onze participantes responderam entre

“não” ou “nada”. Os outros quatro apresentaram considerações bastantes relevantes para o contexto escolar que nos cabe analisar.

“Quem é o especialista?": uma das participantes apresentou este questionamento, ao referir o desgaste emocional vivenciado por professores da sua realidade, a partir de intervenções invasivas e impróprias, provindas de pais, frente à atuação do professor.

*“Este tema se refere a uma questão cultural e histórica, os professores não são valorizados a muitos anos e estamos na profissão muitas vezes, porque gostamos do que fazemos, do contrário, não teríamos condições básicas para exercer um bom trabalho, trabalho de qualidade e com liberdade de expressão e autonomia na escola. E uma profissão que exige de nós um trabalho exaustivo e integral. Temos que escutar coordenações, direções, alunos e pais de alunos, que dão opiniões e até sermões dos quais não condizem com a nossa formação. **Quem é o especialista da aula?** No momento que as instituições de ensino, se derem conta de que a Escola é parte integrante de uma sociedade e que precisa ser dado limite aos alunos e pais para que a educação seja validada com êxito, aí sim, começaremos a acreditar na Educação.”* (depoimento da Participante A – grifo nosso).

Corroborar-se a colocação da participante no sentido da necessidade de valorizar o profissional na sua formação e capacidade para liderar processos e não estar exposto a situações de afrontamentos e desgastes. Acredita-se na possibilidade de falhas pontuais, mas que possam ser verificadas e orientadas de forma ética e respeitosa pela equipe gestora escolar – que é competente e tem esse desafio, dentre outros, por função. Entendemos necessário que os papéis e as funções sejam bem definidas, para que cada um saiba com clareza do que realmente lhe compete.

Outro ponto sinalizado na pesquisa refere-se às condições mercadológicas nas quais algumas escolas particulares se enredam. Os professores sofrem com o dilema de manter o foco na educação e no desenvolvimento dos alunos, enquanto a administração escolar também precisa manter as condições de viabilidade para o funcionamento da instituição. Como resultado, por vezes o professor se afeta com este paradoxo, como manifesta a Participante F, em que refere certa “preocupação da Gestão Escolar em atender ao interesse dos pais desconsiderando, em alguns momentos, o interesse dos próprios alunos e professores”. Com isto, verifica-se que os professores acreditam que a participação dos pais não deva interferir no compromisso pedagógico que a escola assume, como instituição especializada. Refletimos, resgatando elementos da pesquisa teórica, que cabe à administração escolar se utilizar de recursos legítimos para expressar claramente os acordos necessários, através do seu regimento escolar.

A preocupação com que o uso de inovações tecnológicas não venha a invalidar a riqueza das práticas interacionistas também foi manifestada por uma das participantes, que sinaliza a pressão profissional enfrentada neste sentido:

“Me preocupa muito nos dias de hoje o excesso de cobrança em utilização de recursos tecnológicos para que a escola se entenda integrada na atualidade. Na minha opinião, a escola precisa ser o local de referência de práticas que promovam vivências de experimentação a partir dos estudos e da integração social. Eu também entendo importante que ela proporcione interações mais sadias para estas crianças que chegam à escola superestimuladas por conta do uso indiscriminado de aparelhos tecnológicos, sem muitas vivências de corpo, com poucas interferências dos adultos responsáveis (pais) para orientá-las no seu processo de crescimento e desenvolvimento. Com isto, em sala de aula se evidencia dificuldades importantes para se concentrar e agir com autonomia durante as atividades. E pra completar, apesar de todo esforço, a atuação do professor ainda é questionada e assim, ao invés desse profissional se sentir motivado para atuar, ele se sente pressionado. Por estas razões, eu, considero que a temática dessa pesquisa sobre a saúde do professor é muito importante nos dias de hoje!” (Depoimento da Participante G).

A partir dessa contribuição, questiona-se: não seria a escola justamente o espaço de contraponto aos interesses mercadológicos?; As ferramentas tecnológicas estão a serviço da educação ou a educação a serviço do mercado?; O que envolve ser local referência em Educação?; Quais são as prioridades estabelecidas no espaço escolar?; De acordo com as teorias visitadas e com as manifestações reais coletadas, compreende-se que é no caminho da qualificação que o professor e a escola precisam recuperar território para validar a Educação junto à sociedade e, com isso, ter maior autonomia para decidir quais interferências são realmente necessárias e produtivas para os processos de ensino-aprendizagem e, mais ainda, como e de que forma serão implantadas com adequação.

A quarta manifestação nos demonstra o sentimento constituído no professor que expressa uma condição solitária e busca apoio, que demonstra disposição para aprimorar sua atuação e para contribuir de forma assertiva no processo educacional. Ela apresenta interesse em refletir acerca de como se preparar para mediar conflitos, sobre como gerar uma cultura de confiança, sobre como lidar com um clima de vigilância, sobre como esclarecer as funções da escola e sobre como enfrentar as pressões diárias e, por consequência, as frustrações.

“Talvez um item relacionado a resolver conflitos entre os alunos com frequência... O mal-estar docente para mim está ligado à desvalorização da carreira da docência como um todo. O professor, principalmente dos anos iniciais é visto de forma assistencialista. Há muita insegurança dos pais em deixar seus filhos “crescerem” ao ingressar na escola e por consequência, acabam por não confiar no professor, atuando como vigilantes durante

este período. Outros não assumem o seu papel frente à educação dos filhos e deixam para o professor que o faça. Além disso, há uma grande pressão da escola para promover situações significativas, inovadoras, criativas, etc, para os alunos e, muitas vezes, o professor tem tudo isso planejado mas o grupo não corresponde. Eis uma grande frustração. Da mesma forma, a falta de olhar da escola frente ao corpo docente nas suas necessidades frente às relações com os alunos, pais e consigo mesmos. Muitas vezes falta reconhecimento da instituição frente ao trabalho do professor e uma escuta em relação aos seus sentimentos. Neste sentido, é que me refiro à desvalorização da docência, pois cada vez o professor precisa dar conta de mais coisas que vão além da aprendizagem e não me parece haver um reconhecimento em relação à isso nem pelas famílias, nem pelos espaços escolares.” (Depoimento da Participante I).

Como nos aponta a Participante I, o que se percebe é que o docente também deseja contar com as famílias e com as instituições, enquanto agentes atuantes na sua rede de apoio, para a formação de um ambiente propício para desenvolver o seu trabalho em sala de aula. Ao longo do trabalho, verificamos o valor das interferências da equipe gestora como mediadora da condição de saúde dos profissionais da sua equipe. Sabe-se que uma certa dose de pressão e exigência faz com que o grupo se empenhe na busca de melhores resultados, mas, por outro lado, se a medida for excessiva, ela acarretará prejuízos por vezes irreparáveis. Nesse sentido, é imprescindível que a administração escolar tenha esse cuidado ao definir e remeter os desafios ao seu grupo de trabalho. É importante que as metas sejam atingíveis, pois, se não forem alcançáveis de forma recorrente, irá gerar resultados negativos.

Partindo das diferentes contribuições dos participantes desse grupo pesquisado, percebeu-se que os fatores que geram mal-estar docente permeiam as práticas escolares cotidianamente, e que, tal qual embasam as teorias, isso se confirma no campo de atuação.

De acordo com as manifestações, entende-se que, se for dado espaço real de acolhida aos professores, é possível redirecionar e até desmantelar arranjos danosos, que possam produzir a exclusão precoce de um ou de incontáveis profissionais, que são valiosos para a formação dos cidadãos da sociedade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo comprometeu-se com o entendimento e a análise frente à problemática referente à saúde do professor, às questões que envolvem as relações e a atuação no espaço escolar, num contexto de educação básica em instituições privadas na região do Vale do Rio dos Sinos, a fim de obter elementos para instrumentalizar a equipe gestora e potencializar a ação docente.

Foi analisada a importância e os reflexos do bem-estar docente no processo de aprendizagem dos alunos. Verificou-se a origem histórica dos termos mal-estar e bem-estar docente, de acordo com os teóricos designados para este estudo. Foram destacados fatores das demandas da profissão docente e revelou-se aspectos da atualidade que interferem no bem-estar docente. Dados atuais foram colhidos e analisados, revelando como esta abordagem está sendo percebida e tratada no espaço escolar, a partir da ótica dos próprios professores. Algumas estratégias foram elencadas para contribuir diante desta problemática, pretendendo-se instigar a continuidade dessa discussão.

Considerando a relevância da gestão escolar como um dos suportes ao bem-estar do professor, confirmou-se a importância do seu olhar e da sua interferência para potencializar a ação docente e zelar para que o ambiente da escola favoreça a construção de saberes consistentes, através de relações positivas.

Neste contexto, também se verificou-se que a realidade social atual expressa notória inclinação ao imediatismo, o que faz emergir a sobrecarga de demandas e de exigências crescentes para a função docente. A gestão escolar, então, tem a oportunidade de atuar em parceria com o professor na organização de uma dinâmica que promova relações mais reflexivas e não apenas reprodutivas, para o próprio professor, para as equipes de trabalhos e para alunos e familiares, diante das transformações que se apresentam neste momento e que seguirão ocorrendo naturalmente.

Ao longo do trabalho de construção dessa Monografia, buscou-se ampliar o repertório com estudos teóricos e verificações na prática escolar, estabelecendo um paralelo para a problemática pesquisada e buscando a perspectiva do professor e as possíveis contribuições da gestão escolar.

Confiantes da importância da função da gestão escolar como agentes atuantes diante da questão em estudo, concorda-se com Marchesi (2008) ao afirmar que

“quando a administração educacional se preocupa com que os professores tenham oportunidades de formação e apoia os projetos de inovação de grupos de docentes, a probabilidade de que se sintam mais satisfeitos aumenta”.

Considerando que a identidade profissional também se forma no âmbito local, reforçamos que a gestão é determinante na constituição de uma cultura de confiança e de valor ao professor, num resgate ao status da profissão.

As informações sobre os fatores de esgotamento profissional abordados pelos autores do estudo foram identificadas nas manifestações dos entrevistados, o que nos conferiu a assertividade da abordagem, que merece estudos acadêmicos que se ampliem e que formem novas contribuições para este contexto.

Para reduzir a ansiedade docente, promover um julgamento mais equilibrado diante das diversas situações enfrentadas e impulsionar a inovação, é necessário abrir os olhos e os ouvidos para o clamor silencioso da categoria. É preciso que o ônus de uma sociedade em transformação não condene a escola a ser um espaço meramente assistencialista e que o professor receba esta árdua incumbência.

A pesquisa nos confirma que a situação de tensão e de adoecimento está por perto e que os docentes e os seus gestores precisam ser convocados a considerar com seriedade esta questão. Atribuições de metas alcançáveis, emprego de desafios compartilhados e ações mais reflexivas, podem mudar o rumo da atuação destes profissionais, tão essenciais à sociedade. Pois, diante do estudo realizado, comprova-se que um professor que tenha um autoconceito equilibrado e positivo poderá ser um profissional melhor na sua atuação pedagógica.

O que se pretende no espaço escolar é encontrar um profissional com perfil saudável e ativo, pois isso é o que nos indica possibilidades para a construção de uma aprendizagem verdadeiramente envolvente e diferenciada.

“Um trabalho pedagógico que não descarte nem o domínio científico dos conteúdos ensinados, nem o planejamento didático, nem o esforço para criar condições ótimas de comunicação, nem mesmo um trabalho de avaliação rigorosa das aquisições, mas um trabalho pedagógico que dedique tempo para explorar esse entremeio...”, ou seja utilizar a exploração como proposta de pedagogia diferenciada que oportuniza um encontro ou partilha de saberes. (MEURIEU, 2008, p. 223).

Que o saber seja partilhado por pessoas que tenham luz e sabedoria para nutrir e conduzir pessoas no seu desenvolvimento, respeitando ao outro, mas também a si próprio.

Esta pesquisa não se esgota nos trabalhos realizados até aqui. E é nosso desejo que seja fomentadora de novas discussões e de outros estudos do gênero. As limitações impostas à pesquisadora, com o retorno pontual de participantes docentes, foram significativas, mas uma maior aderência, especialmente com a participação de gestores escolares, como pretendido inicialmente, poderia ter propiciado a exploração de outras dimensões relevantes ao objeto de estudo. Justamente por acreditar na amplitude do papel do gestor educacional é que vislumbramos a possibilidade de parceria com o professor para mudar este cenário, através de lideranças eficientes e humanizadas.

REFERÊNCIAS

- CODO, W. (Coord.). **Educação: carinho e trabalho: *burnout***, a síndrome da desistência do educador, que pode levar à falência da educação. Petrópolis: Vozes, 1999.
- ESTEVE, J. M. **O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores**. Bauru: EDUSC, 1999.
- GAUTHIER, Clermont et al. **Por uma teoria da pedagogia: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente**. 2ª ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2006.
- HARGREAVES, A. **O ensino na sociedade do conhecimento: educação na era da insegurança**. Trad. Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- JESUS, S. N. **Bem-estar dos professores: estratégias para realização e desenvolvimento profissional**. 2. ed. Porto: Porto, 1998.
- LEVY, P. **Cibercultura**. Rio de Janeiro: Ed.34, 2000.
- MARCHESI, A. **O bem-estar dos professores: competências, emoções e valores**. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- MEIRIEU, P. **A Pedagogia entre o Dizer e o Fazer**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- MENDES, A. R. **Saúde Docente: uma realidade detectada em direção ao Bem-Estar e a Realização Profissional**. Porto Alegre, 2011. 116f. Dissertação (Mestrado em Educação, especialista em Gestão da Educação). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS.
- MOSQUERA, J. J. M.; STOBÄUS, C. D. **O mal-estar na docência: causas e consequências**. Educação, v. 19, n. 31, p. 139-146, 1996.
- NÓVOA, A. (Coord.). **Os professores e sua formação**. 3. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1997.
- NÓVOA, A. **Desafios do trabalho do professor no mundo contemporâneo**. São Paulo: Sindicato dos Professores de São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.sinprosp.org.br/arquivos/novoa/livreto_novoa.pdf>. Acesso em: 19 set. 2013.
- OUTEIRAL, José. **O Mal-estar na escola**. São Paulo: Revinter, 2005.
- ROMÃO, J. E. **Docente: um ser humano acima de tudo**. Visão Global, v. 10, n. 1, p. 7-22, jan./jun. 2007.

SEABRA, M. M. A.; SILVA E DUTRA, F. C. M. **Intensificação do trabalho e percepção da saúde em docentes de uma Universidade Brasileira**. Cienc. Trab., Santiago, v. 17, n.54, p. 212-218, dez. 2015.

SOUSA, J. M. **As missões (im)possíveis do professor**: o bem/mal estar docente. Tribuna da Madeira, Madeira, 18 maio 2001. Disponível em: <<http://www3.uma.pt/jesusousa/Tribuna/7.pdf> . Acesso em: 19 set. 2013.

TARDIF, Maurice. LESSARD, Claude. **O trabalho docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

VASCONCELOS, C. S. **Currículo**: a atividade humana como princípio educativo. (Coleção Cadernos Pedagógicos do Liberdade; v.7). São Paulo, Liberdade, 2009.

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO PARA REPRESENTANTE DA EQUIPE GESTORA

**Equipes Gestoras – dados, considerações e estratégias empregadas*

Idade: _____ Tempo de atuação nesse espaço escolar: _____

Formação: _____

☆Número de professores que atuaram nesta escola no ano de 2017 nos anos iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 4º ano) _____

☆Número de atestados apresentados no decorrer do ano _____

Percentual: _____ %

☆Número de afastamentos breves (ausência diária) _____

☆Número de afastamentos de 2 a 5 dias _____

☆Número de afastamentos superiores à 15 dias _____

☆Frequência de queixas apresentadas no ambiente escolar no que se refere ao *mal-estar físico*

() Constantes

() Eventuais

() Raras

() Nunca

☆Frequência de queixas apresentadas no que se refere ao *mal-estar psicológico*

() Constantes

() Eventuais

() Raras

() Nunca

☆Estratégias empregadas para promover o bem-estar docente

(Questão de múltipla escolha)

() Observação e acompanhamento individual regular

() Avaliações individuais

() Formação Continuada

() Outras (Qual/quais) _____

☆De um a dez, qual o grau de importância que a sua escola relaciona entre o bem-estar do professor e a eficiência da sua prática no aprendizado dos alunos?

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO PARA O DOCENTE

**Professores – grau de conhecimento sobre o tema, grau de identificação com o problema e estratégias utilizadas*

Idade: _____ Tempo de atuação nesse espaço escolar: _____

Formação: _____

☆ No que se refere aos conceitos de Bem-estar e Mal-estar docente, você:

(Questão de múltipla escolha)

- () Já leu livros e/ou pesquisas sobre o assunto
- () Já participou de palestras sobre o assunto
- () Tem contato com o assunto através das trocas de experiências com colegas
- () Nunca ateve-se a esta questão

☆ No que se refere a sua profissão como docente, você:

- () Sente-se plenamente realizado
- () Sente-se satisfeito, mas experiencia episódios pontuais de mal-estar
- () Sente-se desmotivado por experienciar episódios recorrentes de mal-estar

☆ Você considera que o bem-estar docente deva ser promovido através:

- () da equipe gestora
- () do próprio docente
- () da comunidade escolar e sociedade
- () de todos os elementos apresentados anteriormente, integrados
- () por nenhuma das opções apresentadas

☆ Numere em ordem de destaque/importância de um a dez as questões que interferem no bem-estar do professor no cotidiano escolar

- () desvalorização profissional
- () acúmulo de exigências
- () carga horária excessiva
- () esgotamento físico ou mental
- () baixos salários
- () estrutura física inadequada / recursos materiais
- () turmas lotadas
- () falta de limites dos alunos
- () ausência da família no apoio e acompanhamento dos educandos
- () Outros (Qual/quais) _____

Responda: e acordo com o tema da pesquisa, bem-estar e mal-estar docente, tem algo que não foi questionado e que você gostaria de contemplar nesta pesquisa?

ANEXO A - CARTA DE APRESENTAÇÃO DA PESQUISA



CARTA DE APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

A PESQUISA INTITULADA A SAÚDE DAS RELAÇÕES NO ESPAÇO ESCOLAR E AS SUAS INTERFERÊNCIAS NA ATUAÇÃO DO PROFESSOR E NA CONSTRUÇÃO DE APRENDIZADO DOS ALUNOS – ELEMENTOS PARA INSTRUMENTALIZAR A EQUIPE GESTORA, PESQUISADORA: CAROLINA LUISA FLESCH, ORIENTADORA: ANA PAULA DOS SANTOS SOUZA, SERÁ DESENVOLVIDA POR MEIO DA APLICAÇÃO DE DOIS QUESTIONÁRIOS: UM ESPECÍFICO AOS REPRESENTANTES DA GESTÃO ESCOLAR E, OUTRO, DIRECIONADO AOS PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL (DE 1º AO 4º ANO).

Estas informações estão sendo fornecidas para subsidiar sua participação voluntária neste estudo que visa coletar e analisar dados atuais que revelem como a abordagem do Mal-Estar e Bem-Estar Docente está sendo percebida e tratada no espaço escolar - pela equipe gestora e pelos próprios professores, num contexto de escolas privadas do Vale do Rio dos Sinos, a fim de analisar e elencar algumas estratégias que possam contribuir para esta problemática.

Em qualquer etapa do estudo, você terá acesso ao investigador para esclarecimento de eventuais dúvidas. Contato: CAROLINA LUISA FLESCH, telefone: 51*993579554, endereço eletrônico: flesch.carol@hotmail.com.

É garantida aos sujeitos de pesquisa a liberdade da retirada de consentimento e o abandono do estudo a qualquer momento.

As informações obtidas serão analisadas em conjunto com outros sujeitos da pesquisa, não sendo divulgada a identificação de nenhum participante. Fica assegurado, também, o direito de ser mantido atualizado sobre os resultados parciais da pesquisa, assim que esses resultados chegarem ao conhecimento do pesquisador.

Não há despesas pessoais para o participante em qualquer fase do estudo. Também não há compensação financeira relacionada à sua participação. Se existir qualquer despesa adicional, ela será absorvida pelo orçamento da pesquisa.

Comprometo-me, como pesquisadora principal, a utilizar os dados e o material coletados somente para esta pesquisa.

São Leopoldo, 02 de abril de 2018.

UNIVERSIDADE UNISINOS

Carolina Luísa Flesch